

# ESCRITOS ESPARÇOS DO GENERAL LUÍS FLAMARION BARRETO LIMA NA REVISTA A *DEFESA NACIONAL*

Ensaio Sobre Psicologia do Combatente Brasileiro

Subsídios para questões propostas sobre como o fator geográfico e como a mudança da Capital para Brasília, contribuiu para o fortalecimento do Brasil na Seção do Candidato à Escola de Comando de Estado Maior.

Esquema para Estudo Geográfico de uma Área

Estes ensaios foram revisados segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa obrigatória a partir de 2016 conforme acordo assinado em 1990 entre países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Estes ensaios transcritos dos originais em 05/08/2020 por Saulo Barreto Lima.

# ENSAIO SOBRE PSICOLOGIA DO COMBATENTE BRASILEIRO\*

General Luiz Flamarion Barreto Lima

## Nota do Redator:

O trabalho que vai se ler, reveste-se de particular importância, não só pela autoridade eminente do autor – antigo Chefe da Seção de História Militar da ECEME - como pelo relevo do tema focalizado.

Para compreender-se a filosofia de nossas lutas, internas e externas, um dos aspectos de grande expressão será, sem dúvida, a psicologia do Homem brasileiro, suas virtudes, seus defeitos, sobretudo suas peculiaridades emocionais.

Só assim poderemos compreender seu comportamento na fase colonial, de que as lutas contra os holandeses, assim como o aventurismo bandeirante, são exemplos significativos. Ou, ainda, sua atuação trepidante, movimentada, contendo muita vez a pigmentação caudilhesca nos embates que se desenrolaram no Sul, mas invariavelmente consoante o anseio regional e nacional. Tudo se refletindo, mais tarde, na Guerra do Paraguai, nas Revoluções Republicanas e, mesmo, durante a Campanha da FEB na Itália, onde afloram excelentes oportunidades para fixação psicológica no nosso combatente, e que deverá certamente influir nos estudos que se fizeram, visando a uma estruturação doutrinária para as Forças Terrestres do Brasil.

No presente estudo, o então Ten. Cel. Flamarion trata da Campanha de Canudos, repositório de um sem números de ensinamentos, de toda ordem.

*A. Raposo Filho*

A psicologia do combatente não se pode inscrever na esfera da psicologia normal, sendo difícil, para não dizer impossível, predizer com segurança qual será o comportamento de um homem médio, participando ativamente de uma guerra, por mais estáveis que sejam suas reações.

Sem dúvida o homem médio de qualquer raça, cultura, crença, possui uma plasticidade mental incrível, podendo adaptar-se a qualquer situação, desde que esteja convencido da necessidade de fazê-lo. Se estiver incorporado no estado emocional do grupo, que aceitou ou pretende provocar a guerra, essa adaptação não será difícil. Mas, ao contrário se não se convenceu da necessidade de fazer a guerra, aceitando apenas suportá-la com resignação, estará desajustado, indagando frequentemente de seus “porquês”, ou reagindo com uma série de

“poréns”. Num ou noutro caso, submergido por situações anormais, o mais que se poderá prever é que a anormalidade seja a regra geral de seu comportamento.

Pode-se, no entanto, estabelecer com bastante precisão, algumas constantes de seu comportamento e, por via delas, os limites em que poderão variar suas emoções básicas: de defesa-medo, ataque-cólera, criação-amor. Assim sendo, convirá antes de entrar no exame do fato histórico, que pretendemos estudar, precisar o que entendemos por combatente sob o ponto de vista psicológico e investigar algumas das condicionantes de seu comportamento em combate.

## O COMBATENTE

No “Dicionário Militar para Operações Combinadas” se encontram as seguintes definições:

- “Tropa - Termo coletivo que designa o pessoal de uma organização militar (não aplicável a marinheiros embarcados)”.
- “Tropa combatente - Pessoal organizado, equipado e treinado para cumprir missão de combate”.

Dessas definições poderemos concluir que a Tropa só recebe o qualificativo de combatente, quando se desuna a cumprir uma missão de combate, que pode ou não, ser efetivada e independente de sua situação no Teatro de Guerra. Igualmente, nos parece acertado concluir, que combatente é o soldado que tem como missão principal e específica combater, isto é, que está destinado principal e permanentemente à luta armada com o inimigo.

Mas, sob o ângulo psicológico o que importa não é o que o indivíduo deve fazer, mas as emoções que lutam dentro dele para definir a resultante de sua atitude, em face da situação que defronta. Um soldado na primeira linha está mais sujeito ao medo, que outro operando um posto de suprimento. Mas o primeiro tem junto a si muitos companheiros, está apoiado por um armamento poderoso, se sente membro de uma organização potente; enquanto o segundo está mais ou menos isolado, trás um armamento mais leve, não se sente tão integrado na organização a que pertence. Logicamente o primeiro terá mais medo, mas se sentirá mais confiante, enquanto o segundo terá menos medo, mas se sentirá menos seguro. Qual a reação psicológica, que terão ambos, em face de um ataque aproximado? Só a realidade poderá responder com segurança a essa pergunta.

Assim sendo, nos parece conveniente, num estudo psicológico do

combatente, nos atermos mais ao exame das situações que condicionarão suas emoções básicas, do que à missão que recebeu.

## TIPOS DE COMBATENTES

Admite-se facilmente a existência de três tipos combatentes: o mercenário, o conscrito, o voluntário. Três palavras podem também definir o traço dominante na psicologia de cada um deles. O mercenário, o soldo; o conscrito, o dever; o voluntário, a causa.

O mercenário faz a guerra por dinheiro. Fixa o preço de uma tarefa, executa-a e a cobra. Serve a quem melhor o pague e o submeta a menores riscos. O conscrito faz a guerra como uma obrigação, por imposição da Lei. É dominado pelo dever a que se poderá juntar a resignação, a firmeza e, até mesmo, a exaltação.

O voluntário é uma convicção em marcha. Integra-se na luta para obter o triunfo de um ideal. Quando essa convicção deixa de ser racional para se transformar numa mística, o voluntário poderá transmudar-se num fanático. Se perde o impulso idealista e permanece na fileira acabará como um mercenário, trocando o ideal pelo soldo.

Psicologicamente, o combatente que está melhor predisposto para adaptar-se às condições especiais de uma guerra é o voluntário. É natural que seja assim, pois já traz na sua personalidade, como convicção profundamente enraizada, as razões que reclamarão e justificarão sua adaptação a essa situação, as quais funcionarão como lubrificante de suas reações.

## O COMBATE

O ambiente em que se desenrola o combate moderno é de um vazio cheio de ruídos e de luzes aterrorizantes. Vê-se pouco o inimigo, mas veem-se e ouvem-se muito bem as manifestações de sua presença. O perigo parece estar em toda parte e, especificamente, em parte alguma. Pode estar no chão que se pisa, no ar que se respira, no horizonte que se perscruta. Tudo é incerto. O que há de definitivo, mas impalpável é o sentimento do desconhecido, do inesperado, do imprevisível. Agrava-o a solidão que cerca geralmente o combatente moderno. Dispersos, enterrados nos seus buracos, perdidos no meio do fumo ou dos nevoeiros artificiais, os companheiros não são facilmente visíveis e quando o são, se reduzem à pequena equipe habitual. E como é confortador ouvir-se, próximo, uma voz amiga ou lobrigar-se, na curta corrida de um lança, um vulto conhecido. E como é tentador deixar-se ficar para trás, aconchegado àquela depressão acolhedora do terreno, enquanto a

tempestade de ferro e fogo estrondeia e se abate em derredor. Nenhum oficial está por perto, nem mesmo um graduado. Ficar para trás como aconselha o instinto de conservação, ou avançar como o impõe o dever? Esse o dilema que defronta o combatente moderno, esse o drama emocional que nesse ou noutro matiz, vive diariamente. De que dependerá sua resposta? Investiguemos.

A Arte da Guerra evoluiu muito, mas o homem mudou pouco. O poder de destruição do armamento cresceu, o campo de batalha ganhou novas e maiores dimensões, o perigo da morte se tornou mais frequente e mais permanente, mas o Homem continua sendo, como o foi antigamente, o instrumento primário do combate. E hoje, como ontem, não luta por prazer, mas para assegurar a vitória que julga justa ou necessária. E todo seu engenho se tem concentrado em assegurar o triunfo e poder gozá-lo, isto é em matar o inimigo, correndo o menor risco de morrer.

Sua capacidade combativa, sua agressividade resultarão, pois, em grande parte, da certeza que tiver de sua superioridade sobre o inimigo, da possibilidade que estimar de triunfar sobre ele. A potência de que dispuser o combatente está assim, intimamente associada à sua agressividade, à sua vontade de lutar. E como a medida dessa potência depende essencialmente de uma avaliação individual, percebe-se facilmente como podem ser diferentes a agressividade dos indivíduos armados do mesmo modo quando apreciado e comparada isoladamente.

Buscou-se, então, substituir esses componentes tão díspares, por uma resultante que, compensando os mínimos e máximos das avaliações individuais, integrasse a força de cada um na potência coesa e disciplinada do conjunto. Já não há então indivíduos, mas grupos unificados pela solidariedade, hierarquizados pela subordinação de uns a outros, todos vitalizados pelo sentimento do dever, pelo espírito de sacrifício, pela necessidade de fazer vitoriosa a causa comum. Dominando o grupo um Chefe deve zelar para que a agressividade de todos os combatentes se integre na do grupo de que são parte e que ele corporifica.

O instinto de conservação individual ficará assim amortecido por um critério moral, que deve ser um ponto de honra. Já não se trata de uma luta de indivíduos, mas do grupo de que participam. A fuga do indivíduo ao combate já não é apenas vergonhosa, mas infamante, porque implica no abandono do Chefe e dos companheiros. É traição. O problema se transmuda: já não é apenas o de assegurar a vida, mas as razões de viver.

Esse homem coletivizado em face de uma tropa disciplinada é, naturalmente, um valente, porque substituiu sua coragem individual pela

do grupo que o enquadra. Mas em luta com outra organização também coesa e poderosa o instinto de conservação retoma nele todo o império. Cumpre, pois fortalecer o elemento que se lhe opõe, o sentimento do dever. E isso se fará espicaçando-o, com estímulos adequados, apoiando suas imposições com sanções que a inobservância dele acarretará. Substituiu-se assim o horror da morte por um horror maior: o horror ao castigo, à desonra, ao desprezo público. Mas há sempre a possibilidade de que o horror natural sobrepuje o horror moral, sobrevindo então o pânico.

Do que, dissemos poderemos concluir que a capacidade combativa do indivíduo está intimamente ligada à organização, à disciplina e à potência do grupo de que é membro, e ao valor do chefe que o encarna. Inicialmente, e, sobretudo, é necessário que o combatente esteja convencido de que defende uma boa causa e de que seu triunfo é possível. Obtido esse primeiro resultado é preciso dar-lhe chefes decididos, firmes e enérgicos, que lhe possam servir de exemplo no cumprimento do dever. Dar-lhes as melhores armas e ensinar-lhe os melhores processos de empregá-las. Apoiá-lo fisicamente, cuidando de sua saúde, de seu conforto, de seu bem-estar; animá-lo com paixões elevadas, como o anseio pela independência, o sentimento religioso, o amor à glória; estimular incansavelmente o seu sentimento do dever, que é em última análise o liame que o liga aos chefes e aos companheiros.

O Professor Myra y Lopez, estudando nas emoções básicas do combatente, assim apoiado e organizado, alinhou os seguintes fatores que o influenciam:

(a) Defesa-medo:

- Ausência de direção ou de comando.
- Exaustão física e mental decorrente de excesso de ruídos e de luzes; de silêncio ou solidão; imprecisão do perigo e temor de que esteja cercado pelo inimigo; receio de armas desconhecidas.
- Falta de um plano definido de ação, resultando na insegurança de quem não sabe como agir em face de uma situação determinada.

(b) Ataque e cólera:

- Agressividade constitucional resultante da saúde física e mental do temperamento, da educação, etc.
- Poder de autodomínio, que anula ou amortece os temores imaginados.
- A prévia disposição afetiva, conseqüente do maior ou menor convencimento da necessidade de realizar a ação.
- A proximidade do inimigo no tempo e no espaço.

- O suposto poder agressivo do inimigo.
- Experiência prévia quanto às possibilidades de triunfar sobre o inimigo ou de ser por ele derrotado.
- Vantagens pessoais de enfrentar ou iludir o inimigo.

## TENDÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO COMBATENTE

Submergido por esse conjunto de forças antagônicas e sumamente variáveis, qual serão, de um modo geral, a tendência da conduta do combatente?

É certo que, antes de tudo, ele é um animal normal como atestam os seus caninos bem a mostra. E sendo-o, sua reação deveria subordinar-se a fórmula simplificadora de que o forte sobreviverá ao fraco.

Mas é também uma alma, uma pessoa, que discrimina, compara, pesa e julga valores espirituais e morais. Seus pés estão firmemente plantados na terra, mas sua alma está permanentemente voltada para Deus.

Desse modo não pode ser apenas uma expressão da luta pela existência, mas, é, sobretudo, o resultado de uma luta da existência. Síntese de perpétuas e oscilantes antinomias é uma expressão de forças em conflito e sua conduta uma resultante inevitável delas.

A primeira consequência de fato, mergulhado o combatente no mundo novo da Guerra, será seu rompimento com todo um passado de hábitos, de sentimentos, de opiniões, de crenças, de preconceitos e seu encontro com o imprevisto, o desconhecido, o inesperado. Não sabe em uma hora determinada, o que lhe poderá acontecer noutra. Estão superadas suas reações habituais. Adaptando-se formulará novos planos, adquirirá novos hábitos, adotará novas atitudes, esforçando-se por trabalhar e produzir com a mesma eficiência física e mental anteriores. E isso exigirá dele inteligência, iniciativa plena liberdade de pensar e de agir.

Mas, nesse ponto, absorve-o a máquina militar, constringindo-o e tolhendo-o nas malhas rígidas de sua organização e disciplina. Deve evitar cuidadosamente certos perigos e enfrentar decididamente outros. Deve estimar os companheiros e ser capaz de denunciar qualquer delas em caso de traição ou derrotismo; respeitar os superiores, mesmo aqueles que lhe pareçam não merecê-lo; obedecer cegamente às ordens mais extravagantes e possuir espírito crítico, determinação própria, raciocinar; comportar-se como um selvagem, ou uma besta feroz, e meia hora depois, como um indivíduo educado. Deve, em suma, ser um perfeito ginasta mental, admitindo-se continuamente às mais diversas situações e

continuar lúcido, equilibrado, eficiente.

A existência nesse estado conduz naturalmente às condições emotivas da vida primitiva, em que as paixões negativas do medo e da cólera predominam sobre os estímulos criadores da simpatia e da compreensão. O combatente tenderá então para o abandono das emoções generosas e elevadas, substituindo-as pelas reações instintivas e naturais, afetivamente irracionais, caracterizadas por atos extremos. Progressivamente sua conduta passará a inspirar-se na Lei do “tudo ou nada”, que se traduz praticamente por completa insensibilidade a certos estímulos e pronta e agressiva reação a outros, sem meios termos repousantes. Todos os que fizeram a guerra sentiram em si ou observaram nos outros essa tendência, que se manifesta primeiro no desleixo do uniforme, no abandono de certas práticas higiênica, para se fixar depois em ásperas e agressivas demonstrações de ceticismo de desprezo pelas normas convencionais, justificadas pelo conceito de que “a guerra é assim”.

## O COMBATENTE BRASILEIRO NA “CAMPANHA DE CANUDOS”

Esboçados esses aspectos gerais da psicologia do combatente e caracterizados os principais fatores que condicionam suas reações básicas, apreciaremos a conduta de combatentes brasileiros em duas ações de Campanha de Canudos, ocorridas em 1897. Sem dúvida, a Campanha de Canudos, não foi uma Guerra, no sentido que lhe pretendemos dar nas observações anteriores, mesmo encarada sob o aspecto restrito de uma guerra civil. Ali se defrontaram, com efeito, de um lado algumas Unidades do Exército Nacional, no cumprimento de uma missão mais policial que militar e, de outro um grupo de sertanejos ignorantes, sem organização, armamento e comando regulares, que tinham como denominador comum, apenas, o fanatismo religioso e a obediência incondicional de um chefe espiritual. Tratava-se, pois, mais de uma expedição punitiva, que visava dispersar e destruir um agrupamento social heterogêneo e espúrio, do que de uma luta armada entre forças regulares.

Mas o caráter especial da ação bélica não invalidará as observações que fizemos sobre o comportamento dos combatentes que dela participaram, contribuindo no revés, para esquematizar melhor as reações que apresentaram, pois nela se empenharam bem definidos, os dois principais tipos de combatentes: o voluntário e o conscrito.

O primeiro representado pelo fanático religioso, que entrou no conflito em defesa de suas crenças, movido mais pelo desejo de sacrificar-se, do que pela vontade de destruir o inimigo. Buscava mais o



martírio, do que a destruição. O segundo é o soldado do tempo de paz, conscrito no sentido psicológico, porque jungido ao dever de servir, mas no fundo um mercenário, pois visava fundamentalmente ao soldo. Obedecendo ordens deixou o conforto e a segurança relativos de seus quartéis, para o que julgava ser um passeio militar, uma excitante e rápida aventura.

De ambos os lados nenhuma excitação psicológica anterior. Em jogo, apenas interesses que sentiam, mas não compreendiam bem.

Mas, dos dois lados, o Homem é o mesmo. É o mestiço brasileiro, com suas taras atávicas, seus desencontros emocionais, sua fanfarronice e petulância costumeiras, mas, servido por uma incrível capacidade de adaptação, uma natural vocação para a guerra, um admirável espírito de luta.

Fixados os tipos dos combatentes e reavivados os seus traços psicológicos principais passemos aos fatos.

### “A LÉGIO FULMINATA DE JOÃO ABADE”

Canudos, uma fazenda velha, perdida numa curva do Vasa Barris, em pleno sertão baiano, ganhara, no ano de 1896, triste notoriedade, como valhacouto de bandidos que dali partiam para assaltar e depredar as vilas vizinhas, executar empreitadas particulares ou políticas, a soldo do coronelismo sertanejo.

Atraídos pela auréola mística de Antônio Conselheiro, um paranoico bronco e esperto, ali se tinham reunido com o crente fervoroso, o bandido nômade e o assassino contumaz, constituindo-se uma população heterogênea nas mais baixas condições sociais. Jungidos, porém, ao prestígio do evangelizador primitivo, esses voluntários da miséria e da dor, formavam um clã dominado por uma psicose coletiva, que a levava a aceitar como infalíveis às decisões irrevogáveis desse chefe natural.

“O sertanejo simples transmudava-se, penetrando-se, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva. E adotava ao cabo, o nome até então consagrado aos turbulentos da feira, aos valentes das refregas eleitorais e saqueadores de cidades: jagunço”. Suas armas eram o facão de folha larga e forte, o ferrão de picar a rês empacada, a parnaíba longa e esguia como uma lanceta, o cacete nodoso de jucá, a espingarda de caça e raros clavinotes e bacamartes boca de sino.

Depois de diligências infrutíferas da polícia estadual, pensou-se numa expedição militar regular para extirpar aquele cancro social, que ameaçava infeccionar o sertão inteiro.

Em 12 de janeiro de 1897, essa expedição, constituída dos 9º, 26º e

33º Batalhões de Infantaria, sediados, respectivamente, em Aracajú, Maceió e Salvador, reforçados por 2 canhões Krup, 2 metralhadoras Nordenfelt, com suas guarnições, e 200 homens da Polícia baiana, partia de Monte Santo, em busca de Canudos, sob o comando do Major João Febrônio.

No dia 17, tinha atingido Rancho das Pedras, a 12 km de arraial de Canudos. Para alcançá-lo cumpria atravessar um desfiladeiro. Estreito e profundo da Serra do Cambaio, por onde no dia seguinte se engolfou essa força numa longa e serpejante coluna. De repente, o inimigo até então invisível, rebentou do chão num estralejar de tiros esparsos e rouquejar de gritos e improperios, em que os vivas ao Senhor “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, alternavam com a frase provocadora e pejorativa “avança fraqueza do Governo”. De uma ponta a outra a coluna estava sob o fogo do inimigo.

A surpresa foi total. Mas o comando da tropa se impôs e pouco mais tarde, a Artilharia, em posição, bombardeava a queima roupa os sertanejos, que debandaram tontos, numa dispersão instantânea. Continuou a marcha, reorganizado o dispositivo.

Pequenos grupos inimigos flanqueavam a coluna de um e outro lado do desfiladeiro, correndo pelos cimos, aparecendo e desaparecendo, mas sempre hostilizando-a. Outros, constituídos de 3 a 4 homens, abrigados em boas posições de tiro alvejavam-na. Como as armas eram poucas empregavam um ardil. Enquanto um atirador único disparava imperturbável a arma, os outros carregavam os clavinotes e espingardas disponíveis. Se esse atirador era abatido, outro o substituíam célere e um novo busto, que para o inimigo era sempre o mesmo, ressurgia indistinto, disparando com precisão sua espingarda ou clavinote. Era como se a posição de tiro fosse ocupada por um atirador fantásticos e invulnerável, que abatido, ressurgisse assombroso e terrível.

Mas, essa era uma luta desigual, pois os tiros da defesa pelo alcance das armas não atingiam os atacantes, e após três horas de luta aconteceu o inevitável. O caminho foi aberto, balizando-o 150 cadáveres de sertanejos. As perdas das forças regulares eram de 4 mortos e uma vintena de feridos sem gravidade. A marcha prosseguiu e ao anoitecer, a força acampou nos Taboleirinhos, tendo os sedentos e famintos corridos em desordem para molharem os rostos afogueados e as gargantas ressequidas, nas águas paradas e lodosas da Lagoa de Cipó. Depois, no desleixo das fadigas acumuladas e na ilusão do triunfo recente, adormeceram.

Os jagunços, fervilhando na caatinga, rodearam o acampamento, vigiando sem ruído aquele sono profundo.

Na manhã seguinte, a coluna tomou o dispositivo de marcha. E,

nesse ponto, passemos a palavra a Euclides da Cunha, para não perdermos no sabor de sua prosa magnífica, a fotografia do que se seguiu.

Mas antes de abalarem sobreveio ligeiro contratempo. Um *shrapnell* emperrara na alma de um dos canhões, resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvitres: disparar o Grupo na direção provável de Canudos.

De fato, o tiro partiu. E a tropa foi salteada por toda a banda. Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha longa, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos há um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas.

Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro dos intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes da montanha.”

Em Canudos se ouvira o picotar dos tiros em Taboleirinhos e João Abade que era o “comandante das ruas”, reuniu os últimos homens válidos, cerca de 600, pondo-se em marcha para reforçar os companheiros. Será ainda a Euclides da Cunha que pediremos nos conte o sucedido.

“A meio caminho, porém, a sua coluna foi inopinadamente colhida pelas balas. Atirando contra os primeiros agressores no lugar do encontro, os soldados mal apontavam; de sorte que, na maior parte, os tiros, partindo em trajetórias altas, se lançavam segundo o alcance máximo das armas. Ora, todos estes projetis perdidos, passando sobre os combatentes, iam cair, adiante, no meio da gente de João Abade. Os jagunços, perplexos, viam os companheiros baqueando, como fulminados; percebiam o assobio tenuíssimo das balas e não lobrigavam o inimigo. Em torno os arbúsculos estonados e raros não permitiam tocaias; os cerros mais próximos viam-se desnudes, desertos. E as balas desciam incessantes, aqui ali de soslaio, de frente, pelo centro da legião surpreendida, pontilhando-a de mortos - como uma chuva silenciosa de raios.

Volveram, atônitos, as vistas para o firmamento ofuscante, varado pelos ramos descendentes das parábolas invisíveis; e não houve, depois, contê-los. Precipitaram-se, desapoderadamente, para Canudos, aonde chegaram originando alarma espantoso.

Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo

ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado. Bandos de fugitivos, sobraçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que as contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto as mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do santuário implorando a presença do evangelizador.

Mas Antônio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. Subiu com meia dúzia de fiéis para os andaimes altos da igreja nova, e fez retirar, depois, a escada.

O agrupamento agitado ficou embaixo, imprecando, chorando, rezando. Não olhou sequer o apóstolo esquivo, atravessando impassível sobre as tábuas que infletiam, rangendo.

Atentou para o povoado revolto, em que se atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável...

Neste comenos sobreveio a nova de que a força recuava.

Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.”

## UMA EXPLICAÇÃO DO FATO

Este o fato desconcertante. No combate do morro do Cambaio, desprezo pela morte, o heroísmo sem testemunhas, a bravura sem par; na marcha para os Taboleirinhos o apego à vida, o medo paralisante, o pânico incontrollável, apesar da ausência física do inimigo. Os homens eram os mesmos, a organização, o armamento os chefes, os interesses. Não mudaram. E, no entanto, a conduta individual ou coletiva tão diametralmente oposta. Tentemos a explicação.

Observemos em primeiro lugar que os combatentes eram ignorantes os supersticiosos, o que ampliava e dilatava os limites de sua credulidade. Batiam-se por motivos sobrenaturais, que não se apoiavam na razão, mas no sentimento. Não defendiam um princípio, um direito, um interesse material; mas a fé, inconsciente e irracional. O prêmio que os sustentava e animava. O prêmio que ambicionavam e que acreditavam certo não pertencia a este mundo, mas a outro, que criaram nos seus espíritos embrutecidos. Absorvidos por essa mística viam a morte como uma libertação. Libertação das misérias deste mundo; ingresso no reino da felicidade eterna. O preço dessa transição era a morte, o sacrifício, o martírio. Nessas condições o instinto de conservação estava intimamente submergido pelo sentimento da fé e perdera todo seu poder. O perigo não os afastava, atraia-os. A morte não os horrorizava, fascinava-os.

No Cambaio, havia ainda a certeza do perigo representado por aqueles soldados bem armados e por aqueles canhões tonitruantes. E como parecia pequeno, em face do temor a uma condenação eterna, aos suplícios infernais.

Era necessário não perder a oportunidade de pagar tão pouco, para ganhar tanto. E vimos, então, um João Grande, herói alucinado, lançar-se indefeso sobre uma peça de Artilharia e cair esviscerado por um de seus tiros disparados à queima-roupa.

Na marcha para os Taboleirinhos o quadro psicológico era ainda o mesmo. Apenas o inimigo estava distante.

De repente começaram a cair mortos ou feridos, como se os abatesse uma mão invisível, aqueles filhos diletos da Providência. Quem os feria assim? O inimigo distante, de quem ignoravam o alcance das armas, ou a mão de Deus, que os abandonava retirando-lhes a proteção de sua Graça. A resposta rebentou na consciência de cada um, como uma revelação. Deus os condenara.

Desmoronava-se, assim, em segundos, a armadura psicológica que os sustentava.

O julgamento estava feito e lhes fora desfavorável. O sacrifício se tornava inútil, perdera seu objetivo. O instinto de conservação recuperou todo seu domínio, o medo apareceu com a máxima violência, paralisando mesmo as reações habituais com o abrigar-se, ou dispersar-se. E houve o pânico.

À margem do episódio será interessante assinalar o aparecimento dos chefes naturais; a fertilidade da imaginação suprimindo a deficiência do armamento; a lealdade para com o inimigo que teve seu sono respeitado. E dominando tudo, o espírito combativo, que não se escorava na superioridade material e moral, fundamentando-se na bravura espontânea, no heroísmo natural, na coragem sem cálculo.

## SEGUNDA EXPEDIÇÃO A CANUDOS

A nova do insucesso imprevisto e humilhante da expedição do Major Febrônio repercutiu na Capital da República como uma bofetada. E para liquidar a questão o Governo decidiu enviar contra os fanáticos de Canudos uma força poderosa, convidando para comandá-la um dos oficiais de maior reputação e prestígio no Exército, o Cel. Antônio Moreira Cezar, recém vindo de Santa Catarina, onde granjeara renome excepcional de coragem, tenacidade e energia.

Tomamos do retrato, que dele fez Euclides da Cunha, os traços psicológicos que se seguem.

“Os que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que

estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio crudelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços característicos nem de um, nem de outro. Isto, talvez, porque fosse as duas coisas ao mesmo tempo. Justificam-se os que o aplaudiam e os que o invectivavam.

Naquela individualidade singular entrechocavam-se, antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma alma proteiforme constrangida em organização fragílissima.

(...)

Assim, era um desequilibrado. Em sua alma a extrema dedicação esvaía-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimentos repentinos e a bravura cavaleiresca na barbaridade revoltante.

Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrendo a instabilidade nervosa de doente em placidez enganadora.”

Esse o Chefe da expedição no julgamento de Euclides da Cunha.

Aceitando o convite, o Cel. Moreira Cezar partiu para a Bahia, em 5 de fevereiro de 1897, com o Batalhão de seu comando o 7º de Infantaria, a melhor Unidade do Exército, o 2º Regimento de Artilharia sob comando do Cap. José Agostinho Salomão da Rocha e um Esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria comandado pelo Capitão Pedreira Franco. Na Bahia se lhes juntaram o 16º Batalhão de Infantaria de S. João Del Rei o 9º de Infantaria do Coronel Pedro Nunes Tamarindo.

No dia 8 de fevereiro, cinco dias após sua partida do Rio, estava em Queimados, com 1.300 homens e 15 milhões de cartuchos. A reunião fora um prodígio de rapidez e espelhava bem a intensão do Chefe de “lançar a *marche marche* mil e tantas baionetas dentro de Canudos”.

No dia 21, conduzindo 1.281 homens com 220 tiros em cada patrona e 60.000 em reserva, abalou inesperadamente de Monte Santo. No dia 2 de março, depois de longas e extenuantes marchas, alcançou o Rancho do Vigário em pleno território inimigo. Decidiu aí, que no dia 3 marcharia para o Angico, oito quilômetros além, e no dia 4, refeita a tropa por uma noite bem dormida, atacaria a “Meca sertaneja”.

## OS PREPARATIVOS DOS “JAGUNÇOS”

Entrementes, corra pelos sertões, espontâneo e veloz, um toque de reunir. Jagunços do S. Francisco, cangaceiros dos Capiris, valentões de todos os matizes, afluíam diariamente ao arraial. “A capangada atestada de balas, o polvarinho cheio, a garrucha de dois canos atravessada à cinta donde pendia a parnaíba inseparável; à bandoleira o clavinote boca de sino”.

E, logo, sob a direção de João Abade, se entregavam à preparação da defesa.

Reparavam-se armas, cavavam-se trincheiras, preparava-se pólvora, juntavam-se projetis vários. Súbito correu pelo arraial a notícia da marcha da expedição e com ela soube-se o nome de seu Comandante, “herói de quatorze batalhas” como o apresentava a musa sertaneja. O espanto por um momento imobilizou braços, arregalou olhos, espalhou-se nas conversas da boca da noite; depois desfez-se na indiferença de um apelido pejorativo e lúgubre: - vinha ali o “Corta Cabeça”.

À noite, vestido no seu camisolão azul, aparecia Antônio Conselheiro. Parado, o olhar perdido na distância, se mantinha imóvel e silencioso por horas a fio. De repente daquela imobilidade indistinta fantástica rompia a palavra vibrante sublinhada pelo olhar de fogo daquele “evangelista humílimo e formidável”. E a multidão estática o ouvia em transe.

### TRAÇOS PSICOLÓGICOS DO CONSCRITO

No dia 3 de março o Coronel Moreira Cezar se pôs em marcha para os Angicos.

Entusiasmados, seguros, tranquilos, marchavam os soldados que Euclides da Cunha viu, psicologicamente, assim:

“Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego à vida e o arremesso fatalista para a morte.

Seguem para a batalha como para algum folgado turbulento. Intoleráveis na paz que os molifica, e infirma, e relaxa; inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas - a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas. Não sucumbem à provação. São inimitáveis no caminhar dias a fio pelos mais malgradados caminhos. Não bosquejam a reclamação mais breve nas piores aperturas; e nenhuns se lhes emparelham no resistir à fome, atravessando largos dias à brisa, segundo o dizer de seu calão pinturesco. Depois dos mais angustiosos transes, vimos valentes escaveirados meterem à bulha o martírio e troçarem, rindo, com a miséria.

No combate é desordenado, é revoltoso, é turbulento, é um garoto heroico e terrível, arrojando contra o adversário, de par com a bala ou a pranchada, um dito zombeteiro e irônico. (...) Bate-se, então, sem rancor, mas estrepitosamente, fanfarrão, folgando entre as cutiladas e as balas, arriscando-se doidamente, barateando a bravura. Fá-lo, porém, de olhos fixos nos chefes que o dirigem e de cuja energia parece viver exclusivamente. De sorte que a mínima vacilação daqueles tem, de chofre, extintas todas as ousadias e cai num abatimento instantâneo salteado de desânimos invencíveis.”

## O ATAQUE

Às onze horas a expedição chegou aos Angicos. E em vez do repouso anunciado receberam do Chefe o convite para almoçarem em Canudos. Aceitaram com gritos entusiásticos, atirando os bonés para o alto.

Meia hora depois infantes dispersos em linhas de atiradores desciam o alto da Favela em direção da marcha acinzentada do arraial. A artilharia fez dois disparos a guisa de cartão de visita. Respondeu-lhes do alto da torre da igreja velha o sino pequenino tocando rebate.

E logo depois a luta começou. Dispersa em conflitos parciais, afundou-se no casario desconstruído, emergiu nos altos desnudos, tumultuosos, intermitente, incontrolado. Cercado por seu Estado-Maior o Coronel Moreira Cezar viu seus Batalhões divididos dispersarem-se em pequenos grupos perdidos e nos meandros do terreno atormentado, no labirinto das vielas irregulares, varejando, revolvendo, queimando os casebres imundos. Mas, viu também que os fanáticos não esmoreciam, resistindo nas trincheiras nos buracos, nos altos, em toda parte. Decidiu então lançar o Esquadrão de cavalaria naquele terreno empinado em corcovas ásperas, apertados em corredores estreitos, cortado no leito de águas encaixadas. Partiu a carga. Mas os cavalos não conseguiram vencer essas dificuldades, refugaram, empinaram, tomaram os freios nos dentes e voltaram à linha de partida. O chefe indignado lançou-se na direção deles gritando: - “Eu vou dar brio àquela gente”. Galopou pouco. Colheu uma bala bem dirigida e ele caiu desamparado sobre o arção dianteiro do selim, ferido no ventre. Assumiu o comando o Coronel Tamarindo entrechocado e surpreso.

Aproximando a noite começou o refluxo dos atacantes, decepcionados perseguidores de uma vitória fácil e certa que lhes fugira por entre os dedos, vindos aos grupos ou isolados, não se sabe donde, extenuados, trôpegos, transformando as armas em bastões. Foram se acumulando junto às posições de Bateria com se buscassem no aço daqueles canhões a têmpera que sentiam fugir-lhes da alma.



Inconformados, arrasaram-nos mais tarde para longe, afastando-se dos sertanejos, que no momento tiveram os rudes chapéus de couro, descobrindo-se no som do Ângelus, enquanto disparavam a última descarga.

À noite, já no acampamento improvisado, o Coronel Tamarindo, em Conselho com os oficiais, tendo obtido a unânime aprovação deles, decidiu retirar no dia seguinte. Cientificado dessa decisão, o Coronel Moreira Cézar exigiu que se lavrasse uma ata da reunião havida, consignando nela seu protesto formal e a promessa de que fosse efetivada abandonaria a carreira das armas. A altivez do Chefe ferido, que recebia seu último golpe, não convenceu a oficialidade e a decisão foi mantida, dando-se as ordens consequentes. A repercussão sobre os soldados foi terrível.

E vindo de baixo das brasas das palhoças, queimadas, subiu uma ladainha triste e dolente, estropeada nos Kiries lamentosos e roucos, envolvendo a soldadesca apreensiva, como uma advertência significativa. Pela madrugada correu comovida e aterradora a nova de que o Coronel Moreira Cezar morrera.

## O PÂNICO

Aos primeiros clarões da manhã a Vanguarda se pôs em marcha, seguida pelas ambulâncias, os cargueiros, os feridos e, numa padiola, o coroo do Chefe morto. Logo depois foi rudemente atacada de todos os lados pelos jagunços que saltavam de dentro do mato num vozerio infernal, enquanto o sino da igreja velha tocava rebate e toda a população de Canudos, velhos, mulheres, crianças trepadas nos morros próximos, comtemplava a cena “dando ao trágico do lanço a nota galhofeira e irritante de milhares de assobios estridentes, longos, implacáveis”. E na descrição de Euclides da Cunha:

“E foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos: jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficará, logo ao desencadear-se o pânico - tristíssimo pormenor! - o cadáver do comandante.

(...)

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e

unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as margens traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível.

A dissolução da tropa parara no aço daqueles canhões cuja guarnição diminuta se destacava maravilhosamente impávida, galvanizada pela força moral de um valente.

(...)

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que vovera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente.

(...)

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doidamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só, e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse.

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

(...)

Logo adiante, na ocasião em que transpunha a galope o córrego do Angico, o coronel Tamarindo foi precipitado do cavalo por uma bala. O engenheiro militar Alfredo do Nascimento alcançou-o ainda com vida. Caído sobre a ribanceira, o velho comandante murmurou ao companheiro que o procurara a sua última ordem.

(...)

O coronel Sousa Meneses, comandante da praça (Monte Santo), não esperou os fugitivos. Ao saber do desastre largou à espora feita para Queimadas, até onde se prolongara aquela disparada.”

A segunda expedição fora dispersada, deixando, assim, ao ar livre um arsenal desarrumado e abundante. No meio do material recolhido pelos jagunços estavam os quatro Krupp, santificados pelo sangue dos heróis que os defenderam até o último alento, digno pedestal para a

imortalidade de um Chefe: - O Capitão José Agostinho Salomão da Rocha.

## UMA INTERPRETAÇÃO DO FATO

Aqui ainda foram os mesmos tipos de combatentes, que se defrontaram. Em ambos são facilmente identificáveis o desapego à vida, a bravura natural, a coragem desmedida.

Mas, agora, foi o conscrito adestrado, bem armado, excepcionalmente comandado, que se deixou empolgar pelo pânico, sob um ataque desorientado e ineficiente do voluntário.

O que se teria passado? Experimentemos reconstituir as emoções que o saltaram.

Observe-se, de início, que no conscrito a coragem nasce do sentimento do dever é sustentada pela organização, porque se nutre com o seu poder e se fortalece com sua disciplina. No caso era reflexo do valor do Chefe admirado como um valente e temido como um juiz inflexível; da solidariedade dos companheiros; da superioridade do armamento cujo poder rugia na boca daqueles canhões; da coesão, da unidade, da potência do todo. Era uma coragem organizada, dirigida, comandada.

Antes do combate era firme, impulsiva, quase orgulhosa; era a bravura do forte contra o fraco, o desorganizado, o quase indefeso.

Dispersada a organização no entrevere dos choques dos pequenos grupos, ou na ferocidade da luta individual, tornou-se colérica, vingativa, quase desesperada; era a bravura do forte, que se surpreendeu com a resistência do fraco, com a coesão do desunido, com a agressividade do inerme.

Depois do combate o que se refletiu nas fisionomias cansadas, nos músculos relaxados, que tropeçavam nas pedras do caminho foi a coragem, desalentada, amolecida, francamente apreensiva; era a bravura do forte, que não compreendeu nem explicou como foi dominado pelo fraco.

Ainda não era a desagregação, mas já era o desencanto, a perplexidade, o retraimento. Subsistia ainda o imenso poder aglutinador da Organização e aquele aconchego confiante aos tubos de aço dos canhões, que representavam seu maior poder, tinha essa significação. Mas, a notícia de que o Chefe invencível fora também atingido pelo desastre incompreendido foi um golpe mortal, no que lhe restava de agressividade. E aquele lento arrastar dos canhões para longe do inimigo era um sinal inquietante. A apreensão já era alarma. Os limites da Organização estavam por um fio.

Um chefe decidido e enérgico talvez a tivesse salvo, uma noite de repouso a refaria. Mas, o novo comandante, surpreendido pela substituição inesperada, hesitou e vacilou. Quando era preciso agigantar-se amesquinhou-se. E amesquinhando-se, omitiu-se na irresponsabilidade de uma decisão coletiva, apagou-se no anonimato de uma votação melancólica. Nem o protesto que matou o Chefe moribundo teve o condão de comover-lhe a alma conturbada, de revigorar-lhe as energias desalentadas.

Os soldados não ouviram as palavras sussurradas pelos seus oficiais, mas viram suas fisionomias transtornadas, seus olhos amortecidos, suas narinas dilatadas, tremendo na claridade das chamas que subiam hesitantes e tímidas da fogueira, que lhes iluminava a reunião. Não souberam logo do que se decidira, mas sentiram que era a retirada. Não examinaram suas razões, convenceram-se de que era o fim. Saltara a mola mestra da Organização, a força que a animava, a vontade que a impelia, a inteligência que a comovia, a confiança que a mantinha. A hierarquia se tinha nivelado na unanimidade de uma decisão anônima, a disciplina se dissolvera na melancolia da irresponsabilidade coletiva. O horror ao amoral, ao infamante, ao vergonhoso, já não tinha ponto de referência; o temor ao castigo anulava-se na absolvição prévia. E o horror natural, o velho medo primitivo, infiltrou-se naquelas almas que tinham perdido o norte de seu destino. Agora já não era apenas a apreensão que as empolgava, era a angústia que as avassalava.

Agravava-a o cantochão dos jagunços, que subia da terra como um “*De profundis*”. A superstição que jazia no fundo daqueles espíritos sugeriu a explicação do desastre até então incompreensível e lhe deu o sentimento do sobrenatural, a profundidade do abismo.

Os jagunços já não eram homens comuns indefesos.

Eram seres privilegiados que gozavam da proteção divina, invulneráveis aos golpes que recebiam. Era inútil lutar. Pensou-se em sobreviver.

Naqueles soldados disciplinados, confiantes, adestrados, organizados, que pela manhã, entre gritos de entusiasmo se lançaram decididos e resolutos ao combate, subsistia apenas o instinto de conservação, embotando, verrumando, aniquilando, todas as emoções, pungindo como um ferro em brasa, numa ferida recente. A notícia de que o comandante morrera souo o dobre de finados antecipado a cada um.

Noite ainda começaram os preparativos da retirada. E na azáfama, na pressa com que foram feitos, já havia um começo de fuga. Desfechou a o ataque inesperado dos jagunços, coroou-a a vaia estrondosa dos fanáticos, ampliou-a o contágio do medo. E sobreveio o pânico, que foi

quase terror.

Mas, uma Unidade resistiu à elaboração e ao contágio do pânico; a Bateria de Artilharia. Como explicar isso?

Anotemos em primeiro lugar que os artilheiros não estiveram face a face com os jagunços, não sofreram seus ardis e suas malícias, não experimentaram na carne e nos nervos o furor de seus golpes, o vigor sua defesa desesperada. Encastelados no alto do morro da Favela, dispararam de lá os seus *shrapnells*, dispersando agrupamentos inimigos, incendiando suas palhoças, ceifando suas fileiras. Não se cansaram em correrias, não se exauriram na tensa preocupação de evitar os perigos aproximados, não se esgotaram vibrando golpes no vácuo.

Bem ao contrário, tiveram no alcance e no poder de fogo da arma, que matava a grande distância, a prova física de sua superioridade no medo, que tonteava os jagunços, quando alcançados pelos seus tiros sua confirmação moral.

Na reunião dos derrotados em torno dos canhões, silenciosos, mas ameaçadores, sentiram, que representavam o reduto do poder militar da expedição. Era como se na alma de aço daqueles tubos, se tivesse refugiado a própria honra do Exército; era como se eles o representassem naquela dolorosa e decepcionante circunstância. E o orgulho dessa descoberta sublimou-se no espírito de equipe, na aceitação do sacrifício, no desejo de emulação. Era preciso ser forte onde todos pareciam fracos.

Esses sentimentos encontraram um chefe, que os compreendeu e um caráter que os personificou: o Capitão Salomão da Rocha. Reclamou para si o lugar mais perigoso na coluna: a retaguarda, recebendo-o como um lugar de honra. E o honrou, verdadeiramente, sacrificando-se na defesa dos canhões que o Exército lhe tinha confiado. Eles ficaram na mão do inimigo, mas dignificados pela guarda de honra dos cadáveres dos bravos que o defenderam até o último alento. A vergonha da fuga, lavou-se na glória da epopeia.

A bravura e energia do comandante na hora do perigo redimiu-o também do seu desalento anterior. O sentimento do dever, o senso da responsabilidade, lhe voltaram fortalecidos e engrandecidos pela desgraça. Mas, para aqueles soldados que fugiram, ele não era o Chefe: era apenas um Homem. E o sacrifício dignificante do homem, não foi capaz de ressuscitar a autoridade do Chefe. Salvou-se, no entanto, com ele a seriedade da instituição que ele representava.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Evidentemente da análise desses dois fatos, muito pouco poderemos induzir sobre a psicologia do combatente brasileiro.

Mas se aliarmos essas observações a outras tão visíveis no curso de nossa formação histórica, poderemos assinalar algumas de suas tendências.

A primeira delas é a rapidez com que passa dos estados de exaltação aos de depressão, com funda repercussão na sua agressividade. Comovendo-se facilmente, em particular quando estão em jogo sentimentos nobres e elevados, deixa-se dominar pelo entusiasmo e o otimismo; surgidos, porém os primeiros obstáculos, aparecidas as primeiras dificuldades, desanima e se deprime, abandonando as tarefas iniciadas interrompendo os esforços que vinha produzindo. Precisa, então, de assistência e apoio adequados, e os espera. Daí estar sempre com os olhos voltados para os chefes, buscando nas suas atitudes e nos seus conselhos indícios que neguem ou confirmem os temores que o assaltam.

É também notável sua capacidade de adaptação e de improvisação. Mesmo os que estão habituados ao conforto e facilidades da vida citadina não fogem à regra senão para confirmá-la pela exceção.

Dócil e tímido é naturalmente respeitoso e resignado. Aceita de bom grado as privações e os sofrimentos mesmo que não os compreenda e justifique plenamente. Neste último caso resmunga, trepa, despista, ilude, mas acossado, obedece sem maiores dificuldades.

Ama a exceção e não somente a aceita sem escrúpulo como o procura por meios nem sempre recomendáveis.

Embora possua uma pronunciada tendência para ridicularizar e menosprezar os feitos próprios e os dos companheiros, é exibicionista e muito suscetível à censura e à crítica, atribuindo na maioria das vezes, a outrem, ou a circunstâncias exteriores, a culpa dos erros e faltas cometidos.

Mas dele, também, se pode dizer que, como o povo de que é parte, é sobretudo, um complexo de aparências enganadoras e realidades profundas.

Desse-lhes chefes dignos desse nome e é capaz de operar prodígios, como em Coimbra, em Itororó, no cerco da Lapa. Convença-se da necessidade de enfrentar o inimigo, ou mesmo, circunstâncias adversas e será capaz de uma nova Laguna.

Empolgue-o uma convicção ou mesmo uma paixão, boa ou má e realizará falhas que ganharão tons de epopeia. Convença-se o combatente de que é preciso fazer a guerra e não, apenas, suportá-la resignadamente e ele poderá emparelhar-se com os mais abnegados e agressivos do mundo. Que o digam estes oito milhões de quilômetros de terra, arrancados ao continente desconhecido e, por ele, mantidos unidos e indivisos, contra a cobiça de ingleses, franceses, holandeses e

espanhóis, pela força de corações, que os souberam amar e defender, batendo uníssonos ao compasso da mesma causa.

## BIBLIOGRAFIA

- Les guerres - Gaston Boutheil
- Psychiatrie en la Guerre - Professor Myra y Lopes
- Psicologia dos Novos Tempos - G. Le Bon
- As Opiniões e as Crenças - Gustavo Le Bon
- Espiritu Tecnica y Formacion Militar - Francisco Sintes
- Bandeirantes e Pioneiros - Vianna Moog
- Os Sertões - Euclides da Cunha
- Tu Alma y la Ajena - Richard Müller-Freienfels
- Ensaio sobre a Psicologia da Infantaria – Ten. Cel. Bouchacourt
- Infantaria - Cel. de Mand'huy
- Etudes sur le combat – Cel. Ardant du Picq

*“Os exemplos históricos esclarecem tudo e constituem prova convincente, nas ciências comportamentais. Isto é aplicável, melhor do que em qualquer outro assunto, e Arte da Guerra.”*

CLAUSEWITZ

*“Quanto mais retrocedemos na história da conduta da guerra, tanto menos úteis serão para nós os pormenores, porque as formas de ataque e os métodos das batalhas mudam sempre com a evolução de técnica.”*

CLAUSEWITZ

\*Publicado originalmente na revista *A Defesa Nacional: revista de assuntos militares e brasileiros*, Volume 46, n. 537, Rio de Janeiro: 1959.

# SEÇÃO DO CANDIDATO À ESCOLA DE COMANDO DE ESTADO MAIOR

Coordenador Maior OCTÁVIO TOSTA

Aproximando-se a época dos exames, apresentamos aos candidatos questões de História e Geografia, formuladas pelo General Flamarion Barreto Lima a seus alunos particulares.

O General Flamarion, agora na reserva, dedica parte de seu tempo preparando camaradas para o ingresso na ECEME. Quando na ativa, o General foi, por muitos anos, instrutor da referida Escola.

Diretor-Secretário.

## HISTÓRIA

### I - QUESTÃO PROPOSTA

Assinalar, justificando, as influências coesivas ou fragmentárias que o FATOR GEOGRÁFICO exerceu sobre a UNIDADE BRASILEIRA, durante o período Colonial. (Duração: 2 horas).

### II - UMA SOLUÇÃO À QUESTÃO PROPOSTA

#### 1 - INTERPRETAÇÃO

- a. Unidade brasileira, durante o período Colonial.
- b. Assinalar a influência do FATOR GEOGRÁFICO, justificando as influências coesivas ou fragmentárias.
- c. (1) 1500.  
(2) 1822.  
(3) Brasil - Mundo conhecido da época.  
(4) Período Colonial.
- d. Definida a UNIDADE BRASILEIRA, verificar a influência coesiva ou fragmentária - do FATOR GEOGRÁFICO, na sua formação.
- e. Localizado o Brasil, no fim do Período Colonial, analisar que tipo de influência teve o Espaço, a Posição e a Circulação na formação do Território, da Organização Política e no adensamento e distribuição da população.

#### 2 - ESQUEMA

- 1) Localização.
- 2) Espaço:
  - a. Geologia;



- b. Orografia;
- c. Hidrografia;
- d. Clima;
- e. Vegetação.

3) Posição:

- a. Absoluta;
- b. Relativa.

4) Circulação:

- a. Interna;
- b. Externa.

5) Conclusão sobre o FATOR GEOGRÁFICO.

### 3 - RESOLUÇÃO

1 - O Brasil está localizado com a maioria de suas terras entre o Equador e o trópico do Capricórnio. Considerando as terras a Este do meridiano de Manaus e Sul do paralelo de Guaporé, seu tipo poderá ser enquadrado na categoria "longilínea". Sua forma é aproximada de um "presunto" com a ponta voltada para o Sul.

2 - a. As diferentes *ilhas arqueanas* dão uma unidade geológica. O complexo cristalino brasileiro aglutina as diferentes regiões. A diversidade dos solos permite (condiciona) o aparecimento de diferentes economias complementares: mineira, extrativa, agrícola, pastoril. O fator GEOLÓGICO foi coesivo.

b. A orografia brasileira apresenta-se sob a forma de PLANALTOS. Há o planalto Atlântico, o meridional, o central. Notam-se também as PLANÍCIES - amazônica e platina. Não há elevações de vulto.

- O fator OROGRÁFICO foi coesivo. A grande extensão dos planaltos - cerca de 4.000 quilômetros quadrados - aproximando-se da extensão das áreas de planícies, contribuíram para o equilíbrio da Unidade geográfica. Criava, no entanto, o problema das distâncias. Permitia a interligação entre as diferentes áreas. Determinou tipos sociais que não tiveram características antagônicas.

c. (1) As costas, desenvolvendo-se por mais de 7.000 quilômetros, apresentavam características diferentes. No seu primeiro trecho, até S. Luís, eram baixas, com boas articulações, com mangue, ilhotas. Continuava baixa, arenosa, pobre de articulações até S. Roque. Para o Sul, apareciam os recifes e haviam algumas articulações. Passando por um tipo intermediário - com barreiras - onde destacava-se a articulação de Salvador, chega ao tipo recortado e bem articulado, onde a montanha

passa a bordejar a costa. Ao Sul de Laguna é arenosa em sua maior extensão.

- O fator HIDROGRÁFICO, visto sob o aspecto costa, foi coesivo. Permitiu a interligação do mar com a terra, em sua maior extensão. Na região onde esta articulação estava dificultada pelo aparecimento da barreira orográfica, os rios, uma vez galgado o paredão, facilitavam o adentramento.

(2) As três grandes bacias - interligadas nas cabeceiras de alguns de seus afluentes - soldaram as diferentes regiões do território. Os afluentes do Amazonas e do Prata determinaram o aparecimento da costa fluvial interior - delimitando a ilha Brasília.

- A influência da HIDROGRAFIA, vista sob o aspecto RIOS, foi coesiva, a despeito da influência de algumas bacias menores. São interessantes os múltiplos aspectos da bacia do S. Francisco. Condensa elementos em seu vale médio (criadores de gado). Dispersa os grupos humanos ao longo de seu extenso vale. Procuram-no para ligar os dois grandes focos de riqueza da época (Minas, S. Paulo e Nordeste). Além disso, o seu mais importante papel foi dobrar, pelo interior, os caminhos do mar, tão mal servidos na época considerada. A cachoeira limita a influência marítima ao curso inferior.

- No seu conjunto, o FATOR HIDROGRÁFICO foi coesivo, a despeito da influência dos rios da bacia do Prata, drenando a economia para Buenos Aires. As costas marítimas, e fluvial interior, a interligação e permeabilidade entre as bacias, trabalhavam sensivelmente no sentido da Unidade.

d. Situado na zona tórrida, o clima é modificado pela Posição (região antártica do globo, onde há um sensível equilíbrio entre as águas e as terras), pelas direções dos vales das grandes bacias (Amazonas e Prata), pela comodidade do relevo, pelos ventos (consequentes da formação de áreas de ciclones e anticiclones em diferentes épocas do ano) e pelos coeficientes pluviométricos.

- A influência do fator CLIMA na formação da Unidade Brasileira foi coesiva. As médias de temperaturas, oscilando entre 17 e 28 graus, permitiam a vida humana em qualquer região do território. A formação das áreas climáticas - três - não diversificou a população a ponto de terem tendências fragmentárias. Os coeficientes pluviométricos, variando entre 500 e 3.000 mm, mas estabilizando-se na sua maioria entre 1.000 e 2.000 mm facilitaram o estabelecimento de populações.

e. O Brasil está dividido em áreas nítidas de vegetação, função da natureza do solo, do clima, do coeficiente pluviométrico e dos ventos.

- A influência do fator VEGETAÇÃO pode ser considerada fragmentária, se atentarmos para a característica isoladora da floresta,

especialmente em algumas áreas. No Amazonas, a influência é nitidamente isoladora, pois as populações só se podem fixar em áreas muito restritas e dispersiva também. Dispersão e isolamento conduzem à fragmentação. Despertou a cobiça dos estrangeiros, fazendo com que nossas costas tivessem de ser guardadas. Era permeável ao longo dos rios do planalto, portanto, pouco navegáveis. Dificultou o estabelecimento de caminhos terrestres.

Visto no seu conjunto, o FATOR ESPAÇO, ressalvadas as ações isoladoras das distâncias e a influência dispersiva das áreas florestais, particularmente no Amazonas, foi coesivo. Permitiu a permeabilidade do território em todas as direções. Determinou o aparecimento de uma costa interior. O maciço das Guianas ao Norte, as florestas amazônicas a Oeste e o mar, determinaram limites nítidos para o território. Na região platina, não havia a mesma nitidez de limites. Portugueses e seus vizinhos tiveram de contentar-se, por razões geopolíticas, com uma linha artificial, após encarniçadas lutas. Outro aspecto negativo foi a possibilidade de gêneros de vida diversos, ensejando a formação de grupos sociais com características diferentes (o agricultor sedentarizado; o minerador; o pastoril e o extrativista com tendências nômades) e separados uns dos outros por distâncias consideráveis.

#### 4- POSIÇÃO

a. A POSIÇÃO ABSOLUTA pode ser considerada coesiva. Perfeitamente limitada por acidentes naturais - na sua grande maioria - determinou o aparecimento de um compacto território.

b. A POSIÇÃO RELATIVA é mais fragmentária do que coesiva. O saliente nordestino e a região platina sofriam atrações divergentes: Prata-Antilhas-Europa. Contrabalançavam estas influências o mar (como elemento de ligação periférica) e as enormes massas florestais e tropicais, separando-nos das civilizações caribas e peruanas. No período Colonial, o luso dominou o estuário do Prata, corrigindo, a ação fragmentária da calha Paraguai -Paraná, uma vez que fechou o contorno da ilha Brasil.

O FATOR POSIÇÃO. Visto em seu conjunto, teve influência fragmentária. A situação de algumas de suas áreas despertou a cobiça dos estrangeiros. Na luta para a retomada da terra, acendeu-se e vivificou-se a chama do sentimento nacional que não mais se extinguiria.

#### 5 - CIRCULAÇÃO

a. Internamente, ressalvada a ação isolante das distâncias, a falta de caminhos terrestres, criando imensos espaços vazios e a região amazônica (onde só se fazia através dos rios) o FATOR CIRCULAÇÃO INTERNA ainda foi coesivo. O Espaço permitia, com alguma dificuldade - por intermédio de determinados cursos d'água - a interligação entre diferentes áreas ecumênicas. No seu conjunto, a circulação periférica auxiliava enormemente os contatos dos diferentes núcleos da costa e do interior e foi durante o Período Colonial o único elo de ligação permanente.

b. Externamente, era facilitada pelo mar, e dificultada, por parte, pela Posição relativa para o Norte e Oeste e novamente facilitada na região da Baía do Prata, a despeito da distância.

- O FATOR CIRCULAÇÃO EXTERNA poderia ter tido um nítido caráter fragmentário. A forma da costa, com seu estirão Norte. Voltado mais para as retas marítimas que para o resto do país. - O saliente nordestino, continuado por Fernando de Noronha, como a desafiar - pela sua riqueza e proximidade - a sanha dos conquistadores estrangeiros. No Prata, a despeito do domínio do estuário, os interesses econômicos desviados para o Sul, em parte. Estas diferentes regiões, acrescido à enormidade do território, poderiam ter tido influência fragmentária.

- O FATOR CIRCULAÇÃO, visto em seu conjunto, a despeito do caráter fragmentário que poderia ter tomado o fator circulação externa foi coesivo ou, no máximo, neutro. A mentalidade do povo, sua energia, a miscigenação variada, formaram tipos resolutos. Lutaram contra as influências negativas e a resultante - no conjunto - foi coesiva (agregante). Predominaram os elementos hidrográfico, orográfico e climático.

5 - O FATOR GEOGRÁFICO, no seu conjunto, no Período Colonial exerceu muito mais influências coesivas do que fragmentárias. Contribuiu para a formação de Unidade Brasileira essencialmente com o Fator Espaço. Determinou a formação de um sólido território, engastado numa massa geológica compacta, limitado por nítidos acidentes. Permitiu a formação de uma organização política - em bases federativas - sem problemas de vulto. Dos primórdios, os senhores aceitavam a subordinação ao poder central, como uma imperiosa necessidade de defesa, já que pelas contingências geográficas, o socorro só lhes podia vir por mar. Condição uma distribuição de núcleos populacionais, que, se só ativeram à costa, não pode o Fator Geográfico disso ser culpado.

Observação: Trabalho realizado pelo Capitão P... C... , em noventa minutos, sem consulta aos documentos. Metódico, claro, com análises e sínteses equilibradas, mereceu menção “Muito Bem”.

## GEOGRAFIA

### I - QUESTÃO PROPOSTA

“Caracterizar a influência que poderá exercer a mudança da Capital para Brasília, no fortalecimento da unidade política e no desenvolvimento econômico do Brasil”. (Duração: 1 hora).

### II - UMA SOLUÇÃO

#### 1 - SITUAÇÃO DA NOVA CAPITAL

Situar-se-á a nova Capital Federal no Maciço Central, que representa a estrutura física da unidade do território nacional e no planalto dispersar de águas das grandes bacias hidrográficas: Amazonas, Prata e São Francisco. A área reservada ao futuro Distrito Federal, por sua posição central, equidistante das fronteiras, por estar na região natural de ligação entre as cinco grandes regiões naturais do território brasileiro, corresponde à “área cuore” do Brasil, cuja significação transcende o âmbito nacional para adquirir características de “Terra Central” da América do Sul, com todas as consequências a ela atribuídas.

#### 2 - INFLUÊNCIAS POLÍTICAS QUE PODERÁ EXERCER

##### A MUDANÇA DA CAPITAL PARA BRASÍLIA

Desde seu descobrimento, a vida do Brasil tem estado dirigida para o mar. Ainda hoje, na faixa litorânea, se concentra cerca de 80% da população e 90% da potencialidade econômica. O interior, que corresponde a 80% do território, continua completamente desconhecido com regiões ainda por desbravar. A sede atual do governo, localizada na orla marítima e mais voltada para o Sul, tem agravado o desequilíbrio existente entre o litoral e o interior. As áreas geoeconômicas, mais favorecidas, têm atraído a quase totalidade da ação governamental em prejuízo de outras regiões. O desequilíbrio entre os Estados componentes da Federação é flagrante. Enquanto determinadas regiões atingem um surto de progresso comparável aos mais adiantados centros mundiais, outras permanecem ainda num estágio de primitivismo. Conspira tal desequilíbrio contra a unidade nacional e constitui um imperativo de ordem política corrigir tal situação. As populações do interior, dispersas, desamparadas e ressentidas do poder central, poderão vir a constituir uma força desagregadora a comprometer a unidade nacional. Um dos objetivos da interiorização da Capital será o desenvolvimento equilibrado da Nação. O Governo se transplantará para junto das áreas do País que reclamam atualmente suas maiores atenções. As duas grandes “áreas problemas”, a Amazônia e a Bacia do S. Francisco, com a

mudança da sede do Governo para o Planalto Central, poderão encontrar um forte incentivo para sua incorporação efetiva à unidade nacional. A ação governamental, fazendo-se sentir equanimemente em todo o território e com certo privilégio para regiões menos favorecidas, atrairá para a órbita nacional a população do interior, elevando-lhe os níveis culturais e econômicos, fixando-a ao solo, fazendo, enfim, participar da vida nacional. Por outro lado, os órgãos de poder da Nação, afastados das injunções e atrações dos grandes centros econômicos, que perturbam as diretrizes de uma política verdadeiramente nacional, terão em Brasília maior segurança, mais tranquilidade e liberdade de ação, aliviando-os também de preocupações dos problemas de uma grande cidade como o Rio de Janeiro. O futuro Distrito Federal se situará ainda em posição equidistante e mais próxima das fronteiras terrestres. Poderá o Governo Central, com maiores dificuldades, incentivar o desenvolvimento da faixa de fronteiras, de modo a garantir a posse efetiva da periferia terrestre, como também impedir que influências contrárias ao sentimento nacional atraiam para outras órbitas a população fronteiriça. A futura Capital poderá exercer, por sua posição, uma influência favorável na verificação de nossas fronteiras.

### 3 - INFLUÊNCIAS DE ORDEM ECONÔMICA

Se a mudança da Capital para Brasília é uma exigência da unidade nacional, com mais forte razão é um imperativo de ordem econômica. Adquirirá, neste particular, a nova Capital, além de suas funções políticas, o caráter de uma frente pioneira de colonização. O interior, até hoje, não teve os estímulos econômicos que condicionaram o progresso de outras regiões do País. A ausência de comunicações tem entravado o aproveitamento de suas riquezas. A valorização econômica da Amazônia e da Bacia do São Francisco, apesar do que já se tem feito a este respeito, ainda constitui problema cuja execução tem desafiado a capacidade dos dirigentes. Estas duas áreas correspondem a cerca de 60% do território nacional.

Com a interiorização da Capital se abrirá no *hinterland* do País um novo centro desbravador e incentivador do progresso. A valorização das terras, a atração de novos contingentes populacionais, o aumento de capitais, serão de molde a dar nova feição à economia daquelas áreas. A existência da sede do Governo no interior está condicionada a um sistema de comunicações ligando a futura Capital a todas regiões do País. A rede de Transporte a ser montada para atender às necessidades da administração incorporará à economia nacional regiões de grande potencialidade econômica, estimulando a produção, a circulação de riqueza e abrindo novos centros consumidores. O aproveitamento dos

dois grandes troncos fluviais, o Tocantins e o São Francisco, hoje abandonados, como vias de transporte, virá conferir-lhes um papel de relevância nas ligações entre Norte e Nordeste e o Sul do País. A valorização econômica da região norte e centro oeste integrará na economia do País estas duas grandes áreas, atenuando o desequilíbrio econômico entre o litoral e o interior. A execução do planejamento do aproveitamento econômico do Vale do São Francisco e da valorização da Amazônia, com a abertura de uma frente pioneira oficial, contígua às suas bacias, tomará novo surto. As providências que os órgãos federais “*in loco*” poderão tomar na recuperação daquelas duas grandes bacias proporcionarão uma valorização mais rápida que a verificada atualmente. Sob rigorosa fiscalização se impedirá que interesses políticos estranhos desvirtuem a verdadeira finalidade dos órgãos incumbidos da execução daquele planejamento. É de esperar, que a mudança da Capital atraia para o interior o centro econômico da Nação, ao contrário do que foi verificado anteriormente, quando o Governo Central foi deslocado para o Rio de Janeiro, atraído pelo poder econômico do Sul. O Brasil então, harmonicamente desenvolvido, poderá irradiar, para onde se fizer necessário, do centro do continente, onde se concentrará o potencial da Nação, a influência de sua política, de sua economia e de sua cultura.

NOTA - Observação - Trabalho realizado pelo Maj S...C... em sessenta minutos, sem consulta aos documentos, nem aviso prévio.

\*Publicado originalmente na revista *A Defesa Nacional: revista de assuntos militares e brasileiros*, Rio de Janeiro: Agosto, 1959.

# ESQUEMA PARA ESTUDO GEOGRÁFICO DE UMA ÁREA\*

General R-1 FLAMARION BARRETO LIMA

## INTRODUÇÃO

Este esquema se pode aplicar:

- ao estudo geográfico de uma área sob aspecto global ou particular (fisiógrafo, econômico, político, demográfico).
- a avaliação global do significado militar de uma área.
- ao estudo de aspectos demográficos, fisiógrafos, econômicos, políticos do País.

É, porém uma indicação, um roteiro. O esquema que o candidato vai aplicar deve ser elaborado por ele, utilizando este como base, mas afeiçoado pela experimentação permanente e constante, pela crítica cerrada, pelos seus conhecimentos, ao modo pessoal de estudar, de sentir, de compreender os problemas de geografia.

O esquema do candidato só tem valor prático quando construído para ele próprio, pela aplicação sistemática, saindo de dentro para fora e não impingindo de fora para dentro.

Este esquema é uma sugestão. Construa sobre ele o esquema que utilizara no exame e tem realizado uma preparação metódica, objetiva e segura no que concerne ao Programa de Geografia.

### 000. FATORES FISIAGRÁFICOS

010. Caracterização da área:

011. Definição (elementos constitutivos).

012. Superfície (absoluta e relativa). Forma.

013. Faixa fronteira ou configuração geral dos limites.

014. Posição:

- absoluta (referida aos grandes círculos geográficos);
- relativa (distâncias das áreas próximas e afastadas).



- o20. Geologia (formações geológicas expressivas).
- o30. Orografia (aspecto geral de relevo; direção das linhas principais) (influências separadoras).
- o40. Hidrografia:
  - o41. Rede fluvial (rios importantes: direção, regime, pontos de passagem, navegabilidade),
  - o42. Lagos, lagoas, canais naturais.
  - o43. Áreas inundáveis (pantanais).
- o50. Climatologia:
  - o51. Tipos de clima (segundo Koppen).
  - o52. Zonas climáticas (áreas sujeitas ao mesmo regime climático geral).
- o60. Vegetação:
  - o61. Tipos de vegetação (características principais).
  - o62. Zonas importantes de vegetação (extensiva, direção, influências separadoras).
- o70. Litoral:
  - o71. Faixa litorânea (aspecto geral, influências separadoras).
  - o72. Águas e terras adjacentes (ilhas, mares, correntes marítimas).
  - o73. Plataforma continental (profundidade, extensão).
- o80. Apreciação:
  - o81. Geografia:
    - correlações referentes a forma e a superfície; correlações em relação a posição;
    - regiões naturais;
    - correlações dos elementos fisiógrafos com a ocupação da área, produção, consumo, transportes, comércio, comandamento político.
  - o82. Geográfico-militar;

- implicações da superfície, forma, posição e faixa fronteira;
- influências dos elementos fisiográficos sobre os combatentes, materiais, suprimentos, processos de combate, transportes (valor absoluto);
- implicações das influências dos elementos fisiográficos sobre a organização militar, Logística, forma de operar (defensiva e ofensiva).

## 100. FATORES DEMOGRÁFICOS

### 110. População:

- efetivo (absoluto e relativo);
- crescimento (migrações internas e externas, vegetativo);
- distribuição (densidade, áreas de adensamento e de rarefação);
- estrutura (sexo, cor, instrução, atividades econômicas, domicílio, idade, nacionalidade, estado civil, vida média);

120. Povoamento (antecedentes históricos). Implicações na formação étnica.

### 130. Alimentação,

140. Tipos regionais caracterizados por hábitos, costumes, heranças sociais.

### 150. Apreciação:

### 151. Geografia:

- ocupação da área e suas tendências (frentes pioneiras);
- produtividade (população ativa, repartição profissional, qualificações, eugenia, instrução);
- bem-estar social (esperança de viver, assistência, escolarização, padrão de vida).

### 152. Geográfico-militar:

- potencial humano (população ativa e consumidora);
- potencial mobilizável;
- qualificações face a mobilização,

## 200. FATORES POLÍTICOS

210. Organização político-administrativa (governo, órgãos políticos e administrativos, divisão política).

220. Organização da opinião política (partidos políticos, programas e ideologias, influência no governo).

230. Representação política (regional e nacional).

340. Processo eleitoral (efetivo, comparecimento as eleições, tendências).

250. Segurança:

251. Segurança Interna: organização e funcionamento no âmbito da área.

252. Segurança Externa:

— representações estrangeiras no âmbito da área;

— relações entre estrangeiros e nacionais (questões culturais); fronteiras terrestres e marítimas (fricções potenciais e atuais); vivacidade da faixa de fronteira.

260. Apreciação:

261. Geográfica:

— relações entre os poderes dos governos no Âmbito da Área;

— política interna (estabilidade, representação do povo, participação do povo na mecânica política, reivindicações, tendências);

— política externa (relações entre grupos nacionais e estrangeiros, sensibilidade das Áreas fronteiriças).

## 300. FATORES ECONÔMICOS

310. Estrutura econômica: composição das atividades de produção (primária, secundária e terciária) no Produto Bruto;

— relações entre o capital e o trabalho nas atividades econômicas; composição dos investimentos (privados, estatais, estrangeiros); renda per capita.

320. Produção extrativa:

321. Produção extrativa mineral.

321: 1 — Combustíveis (reservas, jazidas em exploração, mineração):

Sólidos (carvão de pedra, linhito, turfas);

Líquidos (petróleo, xisto betuminoso);

Gasosos (gás natural).

321, 2 — Minérios e minerais (reservas, jazidas em exploração):

— metálicos ferrosos (ferro e seus associados);

— manganês;

— cromo;

— tungstênio, titânio;

— metálicos não ferrosos (cobre, chumbo, estanho, zinco, magnésita, bauxita e mercúrio);

— metálicos preciosos (ouro, prata, etc.);

— não metálicos físséis (tório, urânio);

— não metálicos (cerâmicos, refratários, fertilizantes, para indústria química, abrasivos, de construção, águas minerais).

322. Produção extrativa vegetal:

— madeiras;

— gomas, borrachas, etc.;

— fibras (caroá, sisal, etc.);

— ceras (carnaúba, licuri, etc.);

— oleaginosas (babaçu, oiticica);

— frutos alimentícios e industriais (não cultivados); medicinais.

323. Produção extrativa animal:

- caça;
- pesca;
- couros e peles silvestres.

330. Produção agrícola:

330. 1 — Produtos alimentícios (cereais, sacarinas, feculentas, etc.).

330. 2 — Produtos industriais (fibras, óleos, gomas, ceras, farináceos, medicinais, madeiras).

340. Produção pecuária:

- bovinos;
- equinos e asininos; lanígeros e caprinos; suínos.

350. Produção industrial:

351. Indústrias infraestruturais:

— eletricidade (potencial utilizável; potência instalada; usinas geradoras com localização, potência, tipos, sistemas e suas interligações; natureza das empresas; distribuição e consumo. Projetos e programas de expansão);

— comunicações: correios, telégrafos, telefones, rádios (características técnicas essenciais, tragados e conexões, rendimento; construção civil;

— serviços públicos (águas e esgotos).

352. Indústrias de Base:

352.1. Indústrias metalúrgicas:

Siderurgia:

Ferro-ligas (manganês, cromo, níquel tungstênio, cobalto, vanádio e outros).

Metais não ferrosos (cobre, alumínio, chumbo, zinco, estanho).

Metais menores (antimônio, cádmio), magnésia, titânio, zircônio e outros).

Metais fósseis e associados (urânio, tório, grafite, lítio, boro).

352.2. Indústrias químicas primárias:

Ácidos inorgânicos (sulfídrico, nítrico, clorídrico).

Bases (soda e potassa). Adubos químicos.

Celulose.

Resinas sintéticas e plásticas. Cimento.

Destilação do petróleo e do carvão.

353. Indústria de transformação:

353.1. Pesadas ou de bens de produção:

Metalúrgicas (fundição, forjaria, caldeiraria, serralheria).

Mecânicas (máquinas em geral, motores, turbinas, motores de combustão interna, reatores nucleares, implementos agrícolas, equipamentos para construção).

Material elétrico e de comunicações (equipamentos elétricos, equipamentos de comunicações), Construção e montagem de material de transportes terrestres (ferroviários, automóveis, tratores).

Construção naval.

Construção aeronáutica.

353,2. Leve ou de bens de consumo:

Metalúrgica (utensílios domésticos, de escritórios, etc.).

Mecânicas (fogões, geladeiras, bicicletas e outros).

Material elétrico e de comunicações (refrigeração, lâmpadas, aquecedores, rádios, televisores e outros).

Madeiras e mobiliários. Papel e papelão.

Borrachas.

Couros e peles, Têxtil.

Vestuário, calçado, artefatos de tecidos. Bebidas.

Fumo.

Editoriais, gráficas e outras.

360. Transportes:

360.1. Ferroviário:

Eixos principais e secundários (extensão, bitolas, pontos sensíveis, conexões com outras vias de transportes: conexões internacionais; capacidade de tráfego).

Redes (bitolas, extensão por bitola, pontos sensíveis, nos e terminais importantes).

Material rodante de tração e de reboque (características gerais, quantidades globais, instalações de manutenção).

Combustíveis ou energia elétrica (procedência por espécie, consumos globais, suprimentos normais estocados).

Obras e melhoramentos em execução e em projeto.

360.2. Rodoviário:

Eixos principais e secundários (extensão, revestimento, pistas, capacidade de tráfego, conexões com outras vias, conexões internacionais).

Redes (classificação das estradas, nos e terminais importantes, conservação das vias).

Material (quantidades globais, procedência).

Obras em execução, projetos.

360.3. Fluvial e lacustre:

Trechos navegáveis, linhas em operação, conexões com outras vias ou sistemas nacionais e estrangeiros, combustíveis, ancoradouros, instalações de manutenção.

360.4. Marítima:

Portos (classificação, aparelhagem, zona de influência).

Material flutuante (tonelagem total, procedência, combustíveis, estado de manutenção, principais linhas em operação).

Empresas (organização, estatal ou privada, tonelagens).

360.5. Aéreo:

Aeroportos, aeródromos, campos de pouso (ligações com outras vias de transportes, instalações, capacidade).

Aeronaves (características gerais, procedência, manutenção).

Combustíveis:

370. Comércio:

Exterior (volume, valor, principais produtos, destino ou procedência, principais vias de acesso ou de escoamento).

Interno (volume, valor, principais produtos, mercados de exportação e de importação principais).

380. Finanças:

Equilíbrio orçamentário.

Dívida pública interna e externa. Mecanismo de crédito.

Regime fiscal.

Investimentos.

390. Apreciação:

391. Geográfica:

391.1. Estruturais:

Tipo de estrutura econômica (graus de desenvolvimento).

Autossuficiência e dependência externa (vulnerabilidades).

Pressões econômicas (interior e exterior).

391.2. Produção:

Volume e valor (por espécie).

Áreas importantes de produção extrativa, agrícola e pecuária. Potencialidades e vulnerabilidades.

Áreas industriais de importância (centros, complexos industriais); potencialidades e vulnerabilidades (matérias-primas, energia, mão-de-obra).

Distribuição relativa das áreas de produção e possibilidades de apoio mútuo (complementação econômica).



391.3. Transportes:

Possibilidades quanta a circulação econômica interna e externa para atender a produção e ao consumo.

Grau de autossuficiência e dependência externa.

Custo de operação dos sistemas e suas repercussões na produção e no consumo.

Situação financeira e operacional das empresas (subsídios).

391.4. Comércio:

Repercussões na produção e no consumo interno (potencialidade e vulnerabilidades). Possibilidades de novos mercados.

Saldos do comércio exterior e suas repercussões no desenvolvimento da área.

391.5. Finanças (disponibilidades de divisas, crédito, carga tributária),

392. Geográfico-militares:

392.1. Estruturais:

Grau de dependência do exterior.

Potencial de guerra.

392.2. Produção:

Capacidade para o suprimento interno.

Capacidade para a apoio de outras áreas.

Áreas críticas tendo em vista o potencial da Área e o nacional.

392-3. Transporte:

Capacidade de tráfego na área e para atender a outras áreas.

Entroncamentos críticos.

Possibilidades de apoio vindo do exterior.

392.4. Comércio:

Materiais estratégicos e críticos na área.

Possibilidades de suprimentos (disponibilidades de divisas).

392.5. Finanças:

Capacidade para aquisições no exterior.

Possibilidades financeiras interna.

400. FATORES CIENTÍFICOS e TÉCNICOS

410. Formação de técnicos (na área e fora dela):

Aperfeiçoamento técnico (experiência em instalações na área, cursos no exterior, etc.).

Mão-de-obra qualificada.

Atividades de pesquisa científica ou de caráter econômico.

420. Apreciação:

420.1. Geográfica:

Repercussões nos planejamentos.

Repercussões na atividade de produção de transporte.

420.2. Geográfico-militar:

Repercussões na mobilização (substituição de operários e técnicos qualificados).

Disponibilidades de pessoal qualificado.

500. FATORES MILITARES

510. Organização militar:

510.1. Comando:

Unidades.

Instalações de serviços importantes.

520. Fortificações:

Zonas defendidas.

Obras permanentes (interior e litoral).

Instalações fixas (deteção, antiaérea e antissubmarino).

530. Logística:

Depósitos de suprimentos. Instalações de manutenção.  
Organizações fabris militares. Mão-de-obra militar.

540. Potencial militar:

Efetivos ativos.

Reservas mobilizáveis.

550. Mobilização:

Órgãos administrativos (recrutamento e mobilização).

560. Apreciação:

561. Geográfica:

Protecção das áreas fronteiriças (terrestres e marítima).  
Repercussão da atividade militar nas atividades de produção,  
consumo e circulação da riqueza.

562. Geográfico-militar:

Eficiência da organização militar.

Possibilidades de apoio logístico a área.

Áreas críticas ou sensíveis.

600. APRECIACÃO GERAL

610. Geográfica:

Implicações dos elementos físicos no que respeita a ocupação, a exploração dos recursos naturais, aos transportes e a segurança da área. Implicações gerais da ocupação da área nas atividades de produção, no comando, nos transportes.

Implicações da produtividade da população e do bem-estar social na produção e no consumo e nas possibilidades de desenvolvimento. Implicações da população na estabilidade e significação política da área e no progresso do país.

Valor da estrutura económica; grau de integração dos fatores de

produção (capital, trabalho, recursos, iniciativas e organização). Grau de autossuficiência e de dependência do exterior.

Significado das atividades extrativas, agrícolas, pecuárias e industriais. As grandes áreas de significação econômica e seu poder germinativo. As grandes áreas pioneiras e a colonizar. Valor do sistema de transportes e suas repercussões nas atividades econômicas. Repercussões das atividades na estabilidade e valor político da área e nas possibilidades de progresso social. Capacidade de investimentos, de crédito e de carga tributária.

Valor da estrutura científica e técnica e suas repercussões nas atividades econômicas, políticas e no progresso social.

Repercussões da atividade militar na economia, na colonização de Áreas desocupadas e na segurança das Áreas fronteiriças.

#### 620. Geográfica-militar:

Significação militar da Área em função de sua posição (fronteiras e outras Áreas do país), de suas características fisiográficas, do potencial humano e econômico, do valor político e da organização militar.

Possibilidades do potencial humano quanto a mobilização geral.

Possibilidades gerais de operar na ofensiva, ou defensiva, tendo em vista as implicações absolutas da fisiografia sobre os combatentes, o material, os movimentos, os fogos, as vistas, a organização do terreno.

Possibilidades do sistema de transportes na mobilização, na concentração, na cobertura, nas operações (ofensiva e defensiva) com vistas aos eixos de penetração, roçadas e ao apoio logístico.

Possibilidades de aproveitamento dos recursos locais, Áreas de significação logística, de evacuação, etc.

\*Publicado originalmente na revista *A Defesa Nacional: revista de assuntos militares e brasileiros*, v. 50, n. 586, Rio de Janeiro: Junho, 1963.